

Revista de Marinha



www.revistademarinha.com
rm1937@revistademarinha.com

7,50€ - Preço Continente
Novembro/Dezembro 2022 | Períodicidade Bimestral
Diretora: Paula Marques | N°1030

Desde 1937 a informar todas as gerações sobre Oceanos, Mares e Rios.

Portos

INTERAÇÕES COM ORCAS NA COSTA PORTUGUESA

DO MITO À REALIDADE

1. Contextualização

“Meia-noite e cinco minutos de 1 de Agosto de 2022, segunda-feira, a 6 milhas ao largo de Vila Nova de Mil Fontes, a bordo do Veleiro “AHETAL”, um Westerley de 36 pés (10,8 metros), com uma tripulação de 5 pessoas, 3 homens, 1 mulher e 1 criança de 5 anos, fomos abalroados por 3 Orcas enquanto navegávamos a motor, aparentemente adultas, tanto quanto me foi possível aperceber na escuridão da noite”, revelou-nos o respetivo armador e skipper da embarcação, o Velejador Miguel Nicolau.

“O que aconteceu a seguir foi tudo muito rápido. Logo após o primeiro abalroamento deixei de ter controlo da embarcação porque o leme foi quebrado e deixou de atuar. Aliás, o leme parecia ser o principal foco do interesse das Orcas. Pouco tempo depois a embarcação começou a meter água e 15 minutos mais tarde tínhamos água pelo peito no deck inferior.”



Figura 2- A balsa para onde se transferiram os tripulantes do AHETAL após o seu afundamento a 1 de Agosto de 2022 - Créditos Miguel Nicolau

E concluiu: “A embarcação afundou -se em 20 minutos. Pouco, ou nada, pudemos fazer. Ainda lançámos ao mar 5 litros de combustível e 2 defensas para afugentar os animais mas nada os parecia deter. Via radio lançámos então um pedido de socorro que foi prontamente atendido. Passámos para balsa enquan-



Figura 1- Foto do AHETAL-Créditos Miguel Nicolau

to o “AHETAL” se afundava rapidamente, receosos das consequências, uma vez que a partir daí estávamos praticamente indefesos. Todavia, pouco tempo depois os animais afastaram-se. Cerca de 1 hora mais tarde fomos salvos por um barco de pesca que nos transportou de regresso ao Porto de Sines”.

A 29 de Agosto de 2022, às 12H30, o “SAIL LA VIE”, um Dufour 360, Grand Large, na altura com um único tripulante a bordo, o Velejador Tomás Barradas, seu armador e skipper, foi também abalroado, desta feita por 5 Orcas, aparentemente juvenis, junto ao Cabo Sardão, a 12 milhas ao largo da Zambujeira do Mar. A embarcação estava sem vento e movia-se igualmente a motor.

Esta interação durou cerca de 40 minutos. O foco da investida foi mais uma vez o leme que ficou gravemente danificado, deixando a embarcação momentaneamente a rodopiar sem governo, conforme nos confidenciou Tomás Barradas na conversa que com ele mantivemos.

Contudo, a embarcação conseguiu chegar ao Porto de Sesimbra pelos seus próprios meios.

Este incidente tem a particularidade de ter sido filmado, uma vez que o respetivo armador e skipper teve a presença de espírito para acionar a câmara do respetivo telemóvel, pelo que tivemos acesso a uma prova documental da ocorrência que julgamos de relevante interesse ser analisada pelos especialistas.

Muitas outras situações foram reportadas por Velejadores, nacionais e

estrangeiros, ao longo da Costa Portuguesa desde 2020. Mas é indubitável que o afundamento do “AHETAL” marca um antes e um depois na atenção e na preocupação com que esta problemática tem vindo a ser encarada pela opinião pública em geral, com especial relevo para as comunidades da náutica de recreio e piscatória, uma vez que também os barcos de pesca artesanal têm merecido a atenção destes cetáceos, embora de uma forma esporádica.*

E foi neste quadro que o autor destas linhas, com o apoio da Revista de Marinha, se lançou na tarefa de tentar perceber e enquadrar o tema de uma forma didática e pedagógica, procurando contribuir para a sua análise de uma forma serena e objetiva, ajudando ao debate urgente que se impõe.

Procurando, por um lado, **(1) Contextualizar** a situação, perceber a sua **(2) Gênese**, proceder à sua **(3) Quantificação** e, por último, avançar com **(4) Conclusões** e **(5) Pistas de Atuação**, não alinhando com extremismos e/ou ideias preconcebidas que aqui ali vêm sendo afloradas, e que só contribuem para agravar a situação.



Figura 3- Leme do Sail La Vie após a interação com Orcas no dia 29 de Agosto de 2022- Créditos Tomás Barradas

2. Gênese da Situação

As quase duas dezenas de contactos realizadas na preparação deste artigo, mormente com eminentes biólogos, a par de um extenso Desk Research, permitem perceber desde logo um conjunto alargado de opiniões em que se confrontam diferentes teses para explicar a atual situação, nomeadamente;

Estamos perante uma situação sem paralelo a nível mundial relativamente à qual não há uma curva de experiência que permita aferir formas de atuação.

Já tiveram lugar interações pontuais de Orcas com embarcações de recreio e de pesca noutras partes do mundo, mormente na região do Pacífico, mas nunca com o carácter espontâneo, regular e sistemático com que vêm sendo observado a partir de 2020 desde a Baía da Biscaia até Gibraltar, com particular incidência na Costa Portuguesa. Importa, contudo, acentuar, conforme nos foi referido repetidamente, que as Orcas sempre passaram ao largo da Costa Portuguesa. Não é um fenómeno novo. Ou seja, é um mito a não existência de Orcas nas nossas costas, como se parece fazer crer. A realidade é bem diferente, o que faz jus ao título do presente artigo.

Ninguém sabe ao certo as razões que estão na origem dos comportamentos destes cetáceos.

Existem, todavia, inúmeras teses sobre o porquê da situação, nenhuma delas com-



Figura 4 - Orcas na Costa do Algarve vendo-se ao fundo a Ilha da Culatra- Créditos Alfredo Rodrigues (Ocean Vibes)

provada cientificamente, que vão desde:

(a) Comportamentos lúdicos e não agressivos. Esta tese reúne um número apreciável de adeptos, nomeadamente entre os especialistas, uma vez que estas interações são levadas a cabo por Orcas juvenis acompanhadas por golfinhos, o que não aconteceria se as intenções destes animais fossem agressivas. Por outro lado, os lemes, sendo partes móveis das embarcações, a partir do momento em que são quebrados e perdem a sua funcionalidade deixam de merecer a atenção destes animais e estes afastam-se. Para colocar a questão em perspetiva, cabe aqui referir

que não há registo a nível mundial de uma Orca na natureza atacar a um ser humano.

Na Noruega, por exemplo, o “ *Swim/ Snorkeling with Orcas* ” mais do que uma atração é um produto turístico relevante para a economia local que ocorre todos os anos no início do inverno (Novembro), muito à semelhança do que se passa nos Açores com o “ *Whale Watching* ”. Em Skjervoy, no norte da Noruega, por exemplo, os seres humanos chegam a estar na água rodeados de uma centena destes animais sem qualquer incidente, o que ajuda a desmistificar a situação que se vive entre nós e que tanto alarme público tem causado. Justificadamente, diga-se. A este propósito deixamos aos nossos leitores mais curiosos a hiperligação anexa sobre esta atividade na Noruega <https://www.orcanorway.info/>. Também na Nova Zelândia se observam situações similares, em que pontifica o trabalho da Dra. Ingrid Visser. Isto só para mencionar 2 casos bem conhecidos. Sem olvidar que as Orcas são cetáceos de grande porte da família dos golfinhos, com os quais o ser humano interage desde o dealbar dos tempos com candura e normalidade. Tudo isto sem querer desvalorizar a dimensão que a situação adquiriu entre nós, mas também sem a empolar, colocando as coisas em perspetiva, como nos cabe fazer;

(b) Alteração das rotas de migração e o aumento do número de atuns-rabilho e de corvinas, alimentos que são a base da dieta alimentar deste grupo de Orcas, junto à costa ocidental e sul de Portugal.

Na costa do Algarve têm-se mesmo



Figura 5- Nadando com Orcas na Noruega (Créditos PhotoDiveGuide.com)

observado Orcas a capturar atuns-rabilho junto às praias. Na ausência de atuns-rabilho as Orcas optam pela captura de corvinas, cujos cardumes têm também vindo a aumentar de uma forma sustentada junto à nossa costa nos últimos anos;

(c) Migração do Grupo de Orcas do Grupo de Gibraltar/Cádiz para a Costa Sul e Ocidental de Portugal em virtude de uma situação de sobrepesca de atum-rabilho que se tem vindo a verificar no seu habitat tradicional, nomeadamente na zona de Tarifa/Barbate. Dito por outras palavras, é a conjugação destes 2 factores – diminuição do número de atuns-rabilho na zona de Gibraltar/Cádiz por um lado, e o seu significativo aumento junto à costa portuguesa por outro – que tem vindo a colocar estes cetáceos em contacto direto com um elevado número de embarcações de recreio e de pesca, situação que está na génese das interações que se têm verificado ao longo da Costa Portuguesa desde 2020;

(d) Comportamentos apreendidos ao longo do tempo. Visto tratar-se de uma espécie animal com capacidades cognitivas muito desenvolvidas, o seu comportamento será uma resposta à excessiva pressão humana sobre os seus habitats. Uma outra eventual explicação para os comportamentos destes cetáceos pode residir no trauma provocado pela morte de um elemento desta espécie verificada na Corunha em 2002.

3. Quantificação

A presente situação começou a tomar forma em 2020, ano em que foram registadas as primeiras 17 interações com Orcas nas Costa Sul e Oeste de Portugal Continental, conforme nos foi referido pela Dra Marina Sequeira, do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), com quem conversámos longamente sobre o tema.

Já em 2021 foram registadas 61 interações, o ano com maior número de casos reportados até agora, e em 2022, até à altura da redação do presente artigo (Outubro de 2022), estima-se que terão sido registadas cerca de 30 ocorrências. Ou seja, mais de uma centena (108) de interações reportadas desde 2020, o que não deixa de ser significativo.

De notar que inicialmente, ou seja em 2020, as interações eram levadas a cabo por 3 Orcas juvenis, uma delas ferida, per-



Figura 6 – Recente Close up de uma Orca na costa algarvia – Créditos Alfredo Rodrigues (Ocean Vibes)

tencentas ao chamado Grupo de Gibraltar/Cádiz que na altura englobaria um total de 40 Orcas.

Segundo as mais recentes observações as interações são agora levadas a cabo por um Grupo de 16 Orcas da mesma família de cetáceos, dos quais 14 são juvenis e 2 adultos. E é sempre o mesmo grupo de Gibraltar/Cádiz a interagir quer com os Veleiros quer com as embarcações de pesca artesanal, embora neste último caso de uma forma quase esporádica. A explicação para esta situação residirá, porventura, no facto do leme nos veleiros estar colocado mais à popa das embarcações, ao contrário do que acontece nas embarcações de pesca artesanal, o que facilita a investida destes animais.

Este Grupo de cetáceos permanece junto às nossas costas na Primavera e no Verão, regressando depois ao Atlântico Norte no início do Outono, seguindo as rotas de migração dos atuns-rabilho, ao que se julga.

4. Conclusões

É inquestionável dizer-se que neste momento NINGUÉM SABE de ciência certa as razões que levam estes cetáceos a terem os comportamentos observados, nem como lidar com esta situação, ou como ela poderá evoluir no curto/médio prazo. Com efeito, estamos perante um comportamento sem paralelo em qualquer outra parte do mundo, com características muito específicas. Dito de outra forma, temos que aprender a lidar com ela de uma forma inovadora, ambiental e ecologicamente responsável, preservando em simultâneo o ecossistema

e as vidas dos seres humanos no mar. Qualquer outra forma de atuação representará um retrocesso civilizacional, porventura com maiores custos a prazo.

Porque para estes animais quebrar o leme de uma embarcação equivale a morder a cauda de uma presa, uma baleia por exemplo, e limitar o seu modo de propulsão para a poder imobilizar e capturar. Ou seja, estará aqui em jogo uma atividade lúdica de aprendizagem. Porventura, não mais do que isso.

Alguns avançam com a tese de que as interações ao serem levadas a cabo predominantemente por Orcas juvenis tenderão a diminuir, ou mesmo a desaparecer, com a entrada destes animais na idade adulta.

Pelo que nos foi dado perceber não nos parece razoável admitir um tal cenário no curto prazo/médio prazo. Sabendo-se que a dieta destes animais é de cerca de 250

quilos de peixe/dia é de presumir que enquanto os atuns-rabilho e as corvinas continuarem a proliferar na Costa Portuguesa, como acontece atualmente, as Orcas continuarão a persegui-los.

Como, por outro lado, estes animais têm uma importante capacidade de aprendizagem, mormente no seio do seu grupo familiar, ou seja aprendem uns com os outros, outros elementos animais tenderão a imitá-los, pelo que é exetável que o número de interações tenda a aumentar. Para além de que não será despiendo pensar que com o tempo estes cetáceos venham a reproduzir-se fazendo aumentar, assim, o seu número para além dos atuais 40 elementos, não obstante toda a pressão sobre o seu

ecossistema que atualmente se verifica.

Convirá recordar que as Orcas são uma espécie protegida e quaisquer ações que possam perturbar o seu habitat estão proibidas por lei, pelo que a sua proteção e salvaguarda é um avanço civilizacional.

É também perceptível que existe mais informação sobre a Natureza da Situação do que à primeira vista possa parecer.

Diríamos até que a solução pode estar ao virar da esquina. Como seja pintar os lemes às riscas pretas e brancas para dissuadir a investida destes animais, conforme nos foi referido. Será?

Por mais especulativo e empírico que tal possa parecer haverá, contudo, que o testar na natureza para o comprovar. Há quem também esteja a testar a colocação de um ferro de fundear à popa para proteger os lemes e dissuadir a investida destes cetáceos. Já os "pingers", equipamentos eletrónicos que emitem feixes de baixa frequência destinados a afugentar as Orcas que têm vindo a ser utilizados de uma forma crescente, comprovadamente não funcionam.

Alguns Velejadores referiram-nos ainda a pertinência de iniciar voltas, ou mesmo piões, com o motor ligado na presença destes cetáceos como forma de dissuadir a sua investida, bem como limitar a navegação noturna. Enfim, todo um vasto conjunto de ideias e sugestões a testar, mesmo as mais inverosímeis.

Porém, o maior problema neste momento parece residir na falta de uma maior e melhor articulação entre os diferentes stakeholders, o que faz com que a informação relevante não flua como seria desejável, de maneira a constituir um capital de conhecimento sólido e generalizado.

Este aspeto, como facilmente se percebe, é crítico para se compreender a natureza da atual situação, o qual poderá/deverá ser complementando com a experiência de outros países nesta matéria, como poderá ser o caso, bem perto de nós, da Noruega, situação a que tivemos oportunidade de aludir no decurso do presente artigo. Embora estejamos a falar de outras famílias de Orcas com outro tipo de hábitos e comportamentos.

Isto sem prejuízo da necessidade de um trabalho de campo mais aturado, que porventura poderá vir a revelar-se necessário, eventualmente com o concurso da Secre-

taria de Estado do Mar e/ou do Instituto Hidrográfico, na jurisdição da Marinha.

5. Pistas de Atuação

Dito isto, urge agir e depressa, mas sem precipitações e de cabeça fria, no quadro de um Plano de Ação que junte todos os stakeholders, apostando em transformar um Problema numa Oportunidade, criando eventualmente um **Grupo de Trabalho Pluridisciplinar**, porventura transnacional, porque o mar não conhece fronteiras, com uma Liderança Bem Definida e com Objetivos Precisos, em estreita articulação com grupos da sociedade civil e a tutela, como é o caso do Grupo Orca Atlântica, cujo trabalho tem sido relevante na monitorização da situação e apoio à definição de diretivas.

Tudo isto para que se possa **Perceber a Natureza da Situação** e que este conhecimento teórico possa enfermar de uma forma efetiva as **Políticas para a Minimizar**, ou mesmo erradicar, de uma forma ambiental e ecologicamente sustentável, assegurando em simultâneo a salvaguarda de vidas e bens no mar.

Neste capítulo seria oportuno ver da possibilidade do MRCC (Maritime Rescue Coordination Centre – Centro de Coordenação de Busca e Salvamento -Lisboa) no quadro das suas atribuições passar a emitir avisos regulares à navegação relativos à presença de Orcas na costa.

Estes avisos teriam por base a informação que já hoje é recolhida pelo Grupo Orca Atlântica e que consta do respetivo website. Uma atuação deste tipo permitiria não só reforçar a articulação entre os diferentes atores, Grupo Orca Atlântica, ICNF, ANL, ANC etc, como contribuiria de imediato para o aumento da segurança da navegação de recreio e de pesca, apresentando potencial para diminuir de uma forma significativa as interações com Orcas ao longo da costa.

Por outro lado, afigura-se crítico nesta fase colocar em cima da mesa toda a informação disponível, eventualmente através de um **Workshop/Simpósio/Seminário**, o que se lhe quiser chamar, a realizar proximamente, pondo em contacto todos os stakeholders com interesse/informação relevante sobre esta temática, desde a Tutela, a Academia, Associações do Sector (ANL, ANC, APPR, etc.), Grupos de Observação Ambiental, Especialistas, etc.

*Em 2021 foram registadas 2 interações de Orcas com embarcações de pesca artesanal, uma em Sesimbra e outra em Gibraltar, desta feita com uma embarcação marroquina. Em ambos os casos os respetivos lemes foram partidos.

Eduardo de Almeida Faria

Agradecimentos:

Para além de um extenso Desk Research a que houve que proceder na sua preparação, este artigo não teria sido possível sem os contributos das personalidades abaixo referidas, às quais o autor agradece penhoradamente. São eles (por ordem alfabética):

Dr Alfredo Rodrigues, Ocean Vibes (Biólogo)

Dr. António Bessa (Presidente da Associação Nacional de Cruzeiros - ANC)

Professor Doutor Carlos Sousa Reis (Biólogo)

Professor Doutor João Correia, Flying Sharks (Biólogo)

Dra. Marina Sequeira, Instituto de Conservação da Natureza - ICNF (Bióloga)

Miguel Lacerda, Presidente da Associação Ambiental CascaisSea

Miguel Nicolau (Proprietário do Veleiro AHE-TAL)

Dr. Miguel Vieira (Vice-presidente da Associação Naval de Lisboa - ANL)

Cmd Neves Cabrita, Centro Naval de Busca e Salvamento

Almirante Nuno Chaves Ferreira, Comandante Naval

Cmd Nuno Leitão, Diretor do Aquário Vasco da Gama

Dra. Sofia Esteves da Silva (Bióloga, Doutoranda em Ciências Biológicas pela Universidade de Durham, Reino Unido)

Tomás Barradas (Proprietário do Veleiro SAIL LA VIE)

Dr. Rui Prieto, Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores (Biólogo)

Professora Doutora Ruth Esteban (Bióloga), Museu da Baleia dos Açores (Nota: Com artigo fornecido pela Dr. Marina Sequeira do ICNF)

Grupo Orca Atlântica

